

Transformação regional com ecossistemas locais de inovação: a metodologia ELI/SEBRAE aplicada em Sergipe

*Regional transformation with local innovation ecosystems:
the ELI/SEBRAE methodology applied in Sergipe*

 Matheus Pereira Mattos Felizola^{1a}  Jane Aparecida Marques^{2b}  Amanda Luiza Soares Silva^{1c}

¹ Federal de Sergipe, UFS, Aracaju, SE, Brasil



² Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP, Brasil



Resumo

A investigação sobre ecossistemas de inovação envolve a necessidade de compreender como ocorre a concentração e relacionamento de atores voltados para a inovação em uma região geográfica específica. Nos últimos anos, essa discussão tem abordado temas como ecossistemas de inovação, sistemas de inovação, ecossistemas de negócios, redes de inovação, ecossistemas de empreendedorismo e outras terminologias correlatas. A pesquisa visou mapear os ecossistemas locais de inovação que usam a metodologia ELI/SEBRAE e relatar um estudo de caso único no Estado de Sergipe. A pesquisa é justificada, pela importância estratégica do SEBRAE e da sua influência sobre a academia, empresas locais e políticas públicas nacionais, estaduais e municipais. Metodologicamente, foi mapeado no site do ELI/SEBRAE os ecossistemas de inovação já existentes, além disso, foi realizado um estudo de caso único baseado na visão de Yin (2017), a partir da experiência ELI/SEBRAE em Sergipe. O mapeamento dos Ecossistemas Locais de Inovação (ELI) no Brasil identificou 232 ELI em 342 municípios, com a região Sul liderando com 84 ELI. Os setores prioritários são definidos conforme vocações econômicas e potenciais tecnológicos, visando empresas inovadoras e formação de mão de obra qualificada. Em Sergipe, os ELI começaram a ser implementados em junho de 2023, com Grande Aracaju em fase de estruturação e Alto Sertão em fase inicial, focando em setores como agroprodução, energia, educação, agricultura e saúde, com planos de intervenção para fomentar a inovação e promover o empreendedorismo.

Palavras-chave: ecossistema de inovação, SEBRAE, Sergipe.

Notas dos autores

Conflito de interesse: Os autores não declararam nenhum potencial conflito de interesse.

Autor correspondente: Amanda Luiza Soares Silva - amandalsoaressilva@gmail.com

Agradecimentos ao apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq/Brasil no PDS realizado na Universidade de São Paulo (EACH/USP).

Agência Financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq/

Número do Financiamento: PDS 2021 - 102471/2022-3

Cite como

American Psychological Association (APA)

Felizola, M. P. M., Marques, J. A., & Silva, A. L. S. (2025, jan./jun.). Transformação regional com ecossistemas locais de inovação: A metodologia ELI/SEBRAE aplicada em Sergipe. *Revista Inovação, Projetos e Tecnologias - IPTEC*, São Paulo, 13(1), 1-17, e26961. <https://doi.org/10.5585/2025.26961>

^a Doutor em Ciência da Propriedade Intelectual pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e professor associado IV do curso de Publicidade e do mestrado profissional em Ciência da Informação (PPGCI) da UFS. matheusfelizola@academico.ufs.br

^b Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), professora livre docente na área de Comunicação e Marketing, coordenadora do curso de pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte e professora no mestrado profissional em Empreendedorismo da FEA e no curso de graduação em Marketing da ECA, todos da USP. janemarq@usp.br

^c Doutora em Ciência da Propriedade Intelectual pela UFS e bolsista em Gestão de Transferência de Tecnologia da Agência de Inovação e Transferência de Tecnologia da UFS (Agitte.SE/UFS). amandalsoaressilva@gmail.com

*Regional transformation with local innovation ecosystems:
the ELI/SEBRAE methodology applied in Sergipe*

Abstract

Research on innovation ecosystems involves the need to understand how the concentration and relationships of innovation-oriented actors occur in a specific geographic region. In recent years, this discussion has addressed topics such as innovation ecosystems, innovation systems, business ecosystems, innovation networks, entrepreneurship ecosystems, and other related terminologies. The research aimed to map local innovation ecosystems using the ELI/SEBRAE methodology and report a single case study in the state of Sergipe. The research is justified by the strategic importance of SEBRAE and its influence on academia, local companies, and national, state, and municipal public policies. Methodologically, the existing innovation ecosystems were mapped on the ELI/SEBRAE website, and a single case study was conducted based on Yin's (2017) vision, based on the ELI/SEBRAE experience in Sergipe. The mapping of Local Innovation Ecosystems (LEI) in Brazil identified 232 LEI in 342 municipalities, with the South region leading with 84 LEI. Priority sectors are defined according to economic vocations and technological potential, targeting innovative companies and the training of qualified workers. In Sergipe, LEI began to be implemented in June 2023, with Grande Aracaju in the structuring phase and Alto Sertão in the initial phase, focusing on sectors such as agroproduction, energy, education, agriculture and health, with intervention plans to foster innovation and promote entrepreneurship.

Keyword: *innovation ecosystem, SEBRAE, Sergipe*

Introdução

A discussão sobre os ecossistemas de inovação envolve a necessidade de compreender a importância da conexão entre atores dedicados à inovação em uma localidade geográfica específica e suas inter-relações com atores de amplitude nacional, estadual e municipal (Rabelo Neto *et al.*, 2024).

Nos últimos anos, a temática envolvendo os ecossistemas de inovação (Adner; Kapoor, 2010) abordou terminologias correlatas como sistemas de inovação (Zheng & Cai, 2022), ecossistemas de negócios (Moore, 1993), redes de inovação (Jucevicius *et al.*, 2016) e ecossistemas de empreendedorismo (Stam, 2015).

A crescente atenção aos ecossistemas regionais de inovação, impulsionada por atores como o SEBRAE, destaca a importância das interações entre universidades, centros de pesquisa, *startups*, empresas consolidadas, governo e investidores que desempenham papéis complementares na troca de conhecimentos, na colaboração em projetos, no desenvolvimento tecnológico, na formação de comunidades e de lideranças regionais (Gonçalves *et al.*, 2024; Serrano-Ruiz *et al.*, 2024).

O SEBRAE ELI (2024) possui uma metodologia de implantação de ecossistemas de inovação, buscando promover o desenvolvimento sustentável e a competitividade local. O processo começa com a Escolha do Município, realização de uma reunião de *Kickoff*, sensibilizando os atores locais e identificando as vocações econômicas e o potencial tecnológico da região. O mapeamento de Atores e a avaliação do grau de maturidade do ecossistema. E baseado nessas etapas elabora-se um Plano de Intervenção com ações futuras.

Dessa forma, pretende-se responder à questão de pesquisa: Quais os Ecossistemas Locais de Inovação já implantados com a metodologia SEBRAE e como é aplicada a metodologia? E a presente pesquisa, teve como objetivo mapear os Ecossistemas Locais de Inovação do SEBRAE e relatar um estudo de caso da aplicação da metodologia ELI no Estado de Sergipe.

Fundamentação teórica

Ecossistema de inovação

De acordo com autores como Carayannis e Campbell (2009), Carayannis, Campbell e Rehman (2016), os ecossistemas de inovação envolvem atores como o governo, a academia, as empresas e a sociedade civil.

A abordagem de Adner e Kapoor (2010) destaca a complexidade e interconectividade dos sistemas de inovação, enquanto Gawer (2014) diferencia o grau de inovação tecnológica e a competição econômica entre os atores do ecossistema. Uma mesma instituição pode colaborar com diferentes atores em determinadas áreas e competir com eles em outras, numa dinâmica chamada coopetição que permite que as instituições colaborem entre si, ao mesmo tempo em que buscam vantagens competitivas que impulsionam o progresso contínuo da localidade (Gawer, 2014).

Napier e Hansen (2011) e Dattée, Alexy e Autio (2018) reforçam que esses ecossistemas são cruciais para fortalecer os atores locais e criar ambientes integrados de desenvolvimento de inovações tecnológicas e novos nichos de mercado, gerando valor de formas diferenciadas.

Napier e Hansen (2011) destacaram que a proximidade geográfica facilita o compartilhamento de conhecimentos e recursos, enquanto Stam (2015) argumenta que a proximidade física promove redes de confiança e condições sistêmicas, como infraestrutura e políticas públicas favoráveis. Roundy, Bradshaw e Brockman (2018) complementam, indicando que redes locais delimitadas geograficamente permitem mobilizar melhor os recursos regionais.

Atores do ecossistema

De acordo com Audy e Piqué (2016), os ecossistemas de inovação abrangem uma ampla gama de atores, tais como Parques Científicos e Tecnológicos, Cidades Inteligentes, Distritos de Inovação, *Clusters* e Comunidades de Inovação. Além disso, os mecanismos de promoção do empreendedorismo, incluindo Incubadoras de Empresas, Aceleradoras, *Coworkings* e *Living Labs*, desempenham um papel estratégico no fortalecimento do ambiente inovador.

Os ecossistemas de inovação envolvem uma diversidade de atores, incluindo academia, indústria, setor de investimentos, mecanismos de apoio empresarial e a sociedade civil em geral (Jacobides, Cennamo, & Gawer, 2018; Piqué, Berbegal-Mirabent, & Etzkowitz, 2018; Guerrero & Urbano, 2019; Hakala *et al.*, 2020). Para que o ecossistema de inovação alcance sua máxima eficiência, é essencial que haja uma sinergia entre esses atores, o que resulta na criação de produtos e serviços inovadores (Adner & Kapoor, 2010; Jacobides, Cennamo, & Gawer, 2018). Essa integração depende da capacidade dos ecossistemas de facilitarem conexões produtivas entre diferentes setores, como discutido por Appio, Lima e Paroutis (2019), McAdam, Miller e McAdam (2016), que exploraram como as parcerias entre os atores promovem ambientes de inovação colaborativa.

A eficácia do ecossistema também depende da integração de recursos fundamentais, como conhecimento aplicado, capital disponível (Orlic, Radicic, & Balavac, 2019; Ubreziova *et al.*, 2020) e talentos humanos criativos (Baccarne, Mechant, & Schuurman, 2014; Brown, 2016; Dattée, Alexy, & Autio, 2018).

A capacidade de atrair talentos internacionais, estabelecer parcerias com instituições de pesquisa estrangeiras e acessar mercados globais são fatores críticos para o sucesso dos ecossistemas de inovação, potencializando a troca de ideias e acelerando o desenvolvimento tecnológico e econômico (Jucevičius *et al.*, 2016; Ma *et al.*, 2019). No Quadro 1, verifica-se as principais teorias dos Ecossistemas de Inovação.

Quadro 1.*Principais Teorias dos Ecosistemas de Inovação*

Teoria/Conceito	Descrição	Autores
Hélice Quádrupla	Os ecossistemas de inovação envolvem quatro atores principais: governo, academia, empresas e sociedade civil, essenciais para uma inovação colaborativa.	Carayannis e Campbell (2009), Carayannis, Campbell e Rehman (2016)
Interdependência e Coordenação	Destaca a necessidade de interdependência e colaboração entre os participantes, que vão além das empresas para incluir fornecedores, parceiros, reguladores e outros atores do ecossistema.	Adner e Kapoor (2010)
Plataformas e Coopetição	Examina como plataformas tecnológicas facilitam a cooperação e competição ("coopetição") entre os atores, possibilitando sinergias ao mesmo tempo em que incentivam a inovação através da concorrência.	Gawer (2014)
Ecossistemas Regionais de Inovação	Argumentam que ecossistemas locais reforçam a colaboração e inovação, com proximidade geográfica incentivando confiança e compartilhamento de recursos.	Napier e Hansen (2011)
Importância dos Limites Geográficos	A proximidade geográfica é vista como fundamental para o desenvolvimento de redes de confiança e cooperação entre atores locais, potencializando a inovação.	Napier e Hansen (2011), Stam (2015), Roundy, Bradshaw e Brockman (2018)
Atores do Ecossistema	Inclui componentes como parques tecnológicos, incubadoras, aceleradoras e cidades inteligentes, que sustentam o ecossistema e fomentam o empreendedorismo.	Audy e Piqué (2016), Guerrero e Urbano (2019), Piqué, Berbegal-Mirabent e Etzkowitz (2018)
Capital e Talentos para Inovação	A eficácia de um ecossistema depende da integração de recursos, como capital financeiro, conhecimento e talentos humanos, que são essenciais para o desenvolvimento tecnológico.	Baccarne; Mechant; Schuurman, (2014), Brown (2016), Dattée, Alexy e Autio (2018)

Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Metodologia

A pesquisa foi estruturada para realizar o mapeamento dos ecossistemas locais de inovação em Sergipe, utilizando a metodologia do SEBRAE/SE, com base nos preceitos metodológicos de Yin (2017). A abordagem adotada foi qualitativa, descritiva e exploratória, visando compreender em profundidade o ecossistema de inovação local e analisar as ações realizadas no estado.

A coleta de dados foi realizada a partir de diversas fontes, incluindo documentos oficiais relacionados ao mapeamento do Ecossistema Local de Inovação (ELI) de Sergipe e informações

disponíveis no site do SEBRAE/ELI. Além disso, foram realizadas observações de campo, com a participação ativa de uma das autoras em reuniões do ELI ao longo de 2023.

A análise dos dados seguiu a abordagem de triangulação de fontes de evidência proposta por Yin (2017), permitindo a comparação e integração das informações provenientes dos documentos e das observações de campo. Essa metodologia garantiu uma coleta de dados abrangente e multifacetada, possibilitando uma análise profunda e precisa das dinâmicas do ecossistema de inovação em Sergipe, assegurando a validade e confiabilidade dos resultados.

Análise dos resultados

Mapeamento dos ecossistemas locais de inovação do Brasil

O SEBRAE criou as etapas da metodologia de implantação de um ecossistema de inovação conforme apresentado no Quadro 2. A divisão proposta pelo SEBRAE, aproxima-se da visão de Carayannis e Campbell (2009) e Carayannis, Campbell e Rehman (2016), na qual os ecossistemas de inovação envolvem atores como o governo, academia, empresas e as necessidades da sociedade civil.

Quadro 2.

Etapas do Projeto

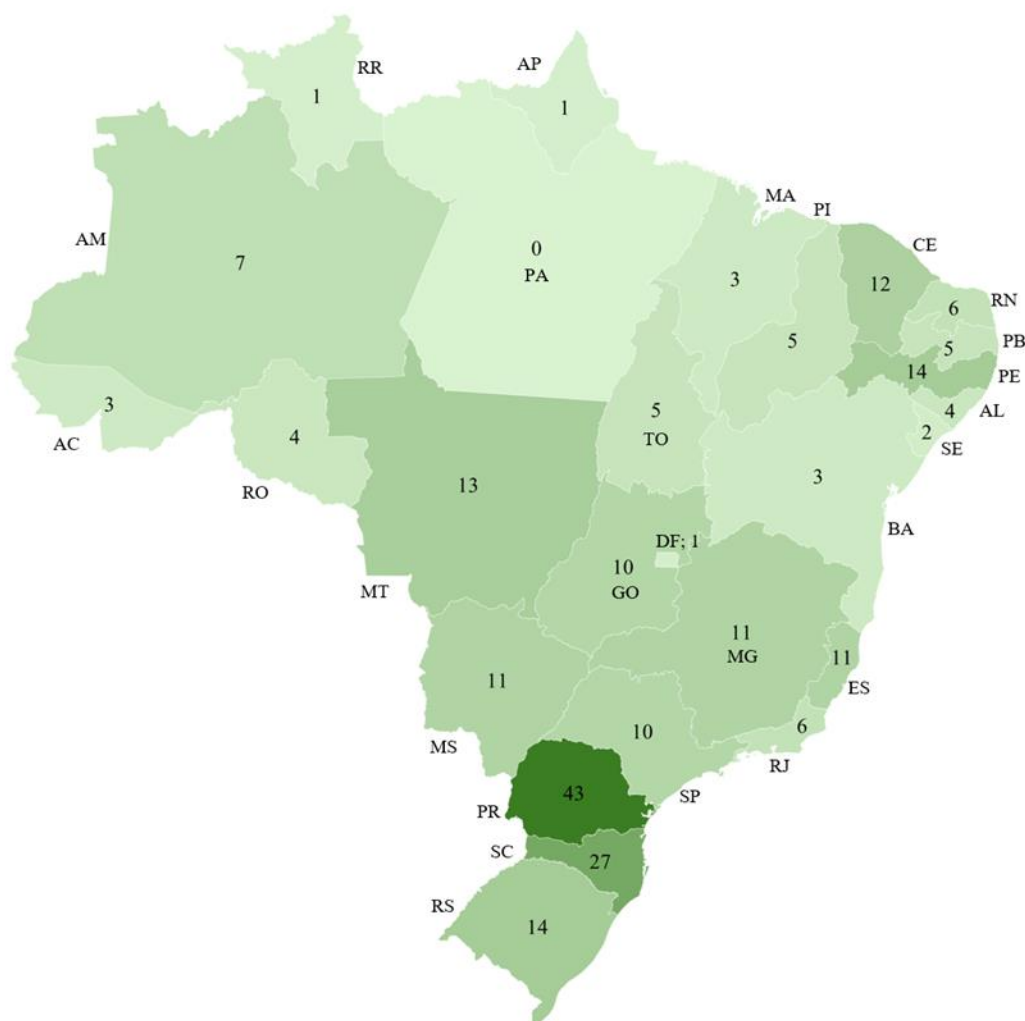
Etapas	Descrição
1. Escolha do Município	Seleção de um município com características mínimas para desenvolver um ecossistema de inovação.
2. Reunião de Kickoff	Primeiro encontro com os atores locais para sensibilização e construção do plano estratégico.
3. Vocações Econômicas	Identificação das áreas empresariais inovadoras no município.
4. Potencial Tecnológico	Avaliação da formação de profissionais qualificados em cursos relacionados à inovação e tecnologia.
5. Setores Prioritários	Análise dos setores propulsores do desenvolvimento do ecossistema.
6. Atores e Entrevistas	Identificação e entrevista com instituições de inovação presentes no município.
7. Grau de Maturidade	Avaliação do nível de maturidade do ecossistema de inovação.
8. Plano de Intervenção	Elaboração de um documento com ações planejadas para os próximos 2 a 5 anos.
9. Implementação	Execução do plano com indicadores de resultados e impacto.

Fonte: Elaborado pelos autores com base no SEBRAE ELI (2024).

Na Figura 1, apresenta-se a quantidade de Ecossistema Local de Inovação - ELI por estado. A região Sul tem 84 ELI, seguida pela região Nordeste com 54 ELI, da região Sudeste, com 38, região Centro-Oeste, com 35 e a região Norte, com 21, sendo, 232 ELI em 342 municípios brasileiros porque os ELI podem abranger mais de um município. O Estado do Pará ainda não passou pelas etapas da metodologia de implantação do ELI do SEBRAE. A proximidade geográfica nos ecossistemas de inovação fortalece a colaboração entre os participantes, facilitando a construção de redes de confiança e o compartilhamento de recursos e conhecimento (Napier & Hansen, 2011).

Figura 1.

Mapa dos Ecossistemas Locais de Inovação do Brasil

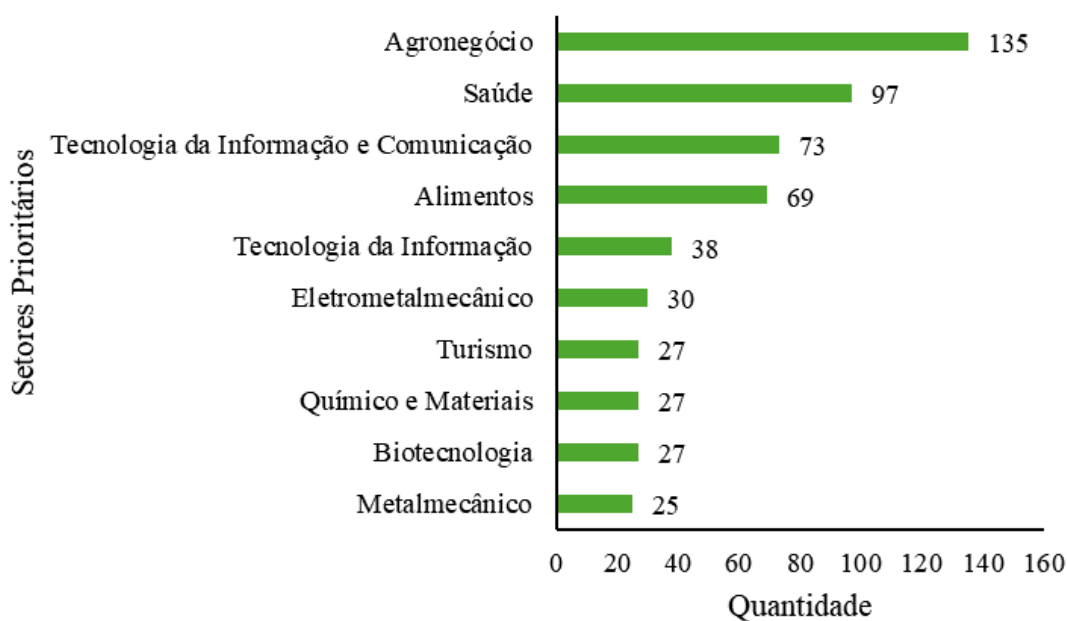


Fonte: Elaborado pelos autores com base em SEBRAE ELI (2024)

Na Figura 2, apresenta-se os principais setores prioritários que são obtidos a partir da análise cruzada entre vocações econômicas e potenciais tecnológicos (SEBRAE ELI, 2024). Leva-se em consideração tanto a intensidade de empresas inovadoras quanto a produção de conhecimento e a formação de mão de obra qualificada voltada para o empreendedorismo. De acordo com Dattée, Alexy e Autio (2018), os ecossistemas de inovação, ao se fortalecerem, podem explorar novos nichos de mercado e gerar valor por meio de especializações tecnológicas, o que implica uma vocação tecnológica direcionada para áreas de inovação específicas (Baccarne, Mechant, & Schuurman, 2014; Brown, 2016).

Figura 2.

Principais Setores Prioritários dos Ecossistemas Locais de Inovação



Fonte: Elaborado pelos autores com base em SEBRAE ELI (2024).

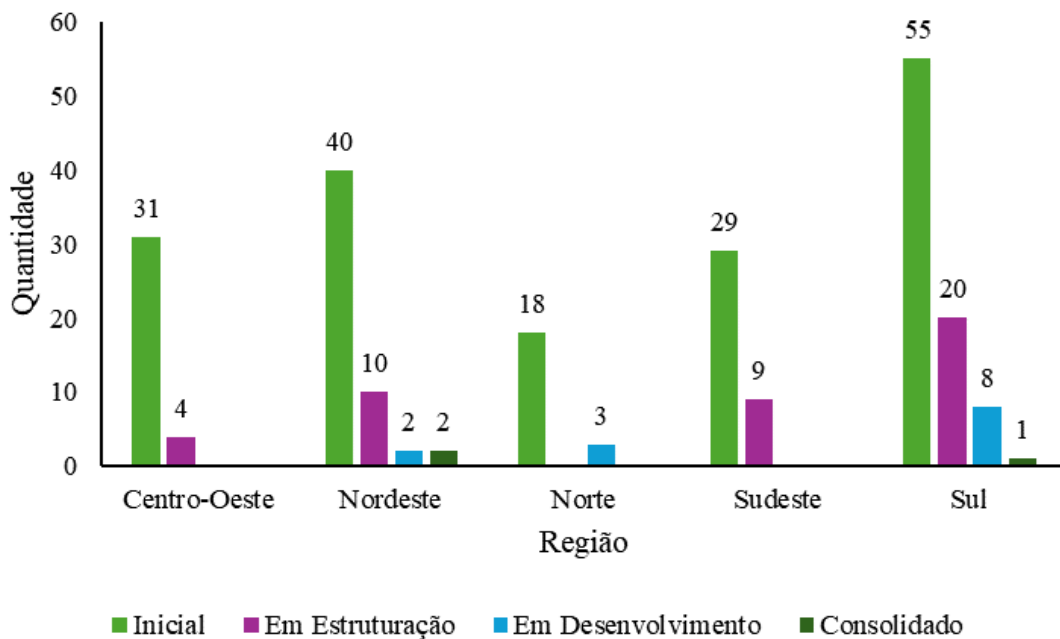
O impacto do Programa ELI pode ser medido por diversos indicadores, como o aumento no número de startups e empresas inovadoras, a geração de empregos qualificados, o volume de investimentos em P&D e a criação de novas tecnologias e patentes (Baccarne, Mechant, & Schuurman, 2014; Brown, 2016). Na Figura 3, observa-se o grau de maturidade dos ecossistemas locais de inovação brasileiros. O estágio de maturidade de um ecossistema de inovação é avaliado por meio de uma escala numérica. Quando a pontuação varia de 0 a 11,99, o ecossistema é classificado como **Inicial**; entre 12 e 17,99, está em **Estruturação**; de 18 a

23,99, é considerado **Em Desenvolvimento**; e de 24 a 30, o ecossistema é classificado como **Consolidado**.

A região Sul e a região Nordeste possuem mais ecossistemas no estágio **Inicial**, com 55 e 40, respectivamente. As mesmas regiões também concentram a maioria dos ecossistemas em **Estruturação**, com 20 e 10, respectivamente. A região Sul e a região Norte se destacam por terem mais ecossistemas **Em Desenvolvimento**, com 8 e 3, respectivamente. Em relação aos ecossistemas **Consolidados**, apenas as regiões Nordeste e Sul apresentam ecossistemas nesse estágio, com 2 e 1, respectivamente.

Figura 3.

Maturidade dos Ecossistemas Locais de Inovação do Brasil



Fonte: Elaborado pelos autores com base em SEBRAE ELI (2024).

Os planos de ação de cada Ecossistema Local de Inovação são construídos a partir dos mapeamentos e das discussões dos atores do ecossistema durante o processo de implantação da metodologia ELI do SEBRAE e, posteriormente, com a criação de grupos de trabalhos para desenvolvimento das atividades para alcance dos objetivos propostos.

Quadro 3.

Planos de Ação dos Ecosistemas Locais de Inovação por Região

Região	Principais Planos de Ação
Centro-Oeste	Criação de calendários de eventos de inovação; Cursos de formação tecnológica alinhados às demandas industriais; Fortalecimento de incubadoras locais; <i>Hackathons</i> e <i>Startup Weekends</i> ; Capacitação de lideranças em inovação; Aproximação entre instituições de ensino e negócios locais; Editais para a indústria de jogos; Qualificação de recursos humanos; Articulação de atores do ecossistema e criação de políticas e leis municipais de inovação.
Nordeste	Parcerias entre ICTIs, empresas e governo; Criação de cursos e laboratórios de pesquisa (<i>Fab Labs</i>); Fortalecimento de habitats de inovação; Rede de bancos comunitários com moeda social local; Proposição de leis municipais de inovação; Apoio a empresas e incubadoras; Desenvolvimento de infraestrutura digital; <i>Hackathons</i> e <i>Startup Weekends</i> ; Formalização de governança eficaz e capacitação tecnológica.
Norte	Promoção do empreendedorismo e da inovação; Programas de <i>Open Innovation</i> ; Integração entre incubadoras e pré-incubadoras; Estímulo ao uso de espaços <i>maker</i> ; <i>Hackathons</i> e <i>Startup Weekends</i> ; Fortalecimento da governança setorial; Capacitação de investidores anjo; Participação em editais e programas de aceleração; Integração do empreendedorismo no ensino; Regulamentação da legislação municipal de inovação.
Sudeste	Projetos de inovação aberta e eventos com grandes empresas; Colaborações entre ICTIs, empresas e governo; Acesso ao Fundo de Inovação e novos mercados; Programas de apoio à inovação e investimento anjo/venture capital; Redução da burocracia para formalização de empresas; Disciplinas de empreendedorismo em graduações; <i>Hackathons</i> e <i>workshops</i> ; Integração de espaços <i>maker</i> com ambientes de inovação; Políticas públicas de apoio a Parques Tecnológicos.
Sul	Rodadas de negócios e eventos de inovação; Regulamentação para compras de soluções inovadoras; Governança municipal para inovação; Aproveitamento de TCCs para gerar negócios; Programas de empreendedorismo no ensino médio, técnico e superior; <i>Hackathons</i> , <i>workshops</i> e turmas Empretec; Criação de pré-incubadoras e redes de mentores; Acesso a laboratórios de ICTIs e uso do Sebrae Lab para prototipagem; Criação de uma Secretaria de Tecnologia e Inovação e incentivos fiscais; Estruturação de Centros de Inovação e monitoramento de resultados.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em SEBRAE ELI (2024).

Experiência dos ecossistemas locais de inovação em Sergipe

A linha do tempo do Ecossistema Local de Inovação (ELI) de Aracaju, começou em 28 de junho de 2023, com o *Kick-Off* e a fase de sensibilização dos participantes. A metodologia foi apresentada, destacando os potenciais atores envolvidos no ecossistema.

O I *Workshop* ELI ocorreu em 19 de julho de 2023 e teve como objetivo a identificação do nível de maturidade do Ecossistema, mapear os atores como pré-incubadora, incubadora, aceleradora, parque tecnológico, espaço *maker*, centro de inovação, *coworking*, universidades, bancos, federação das indústrias, Movimento Caju Valley, Fecomércio, Prefeituras entre outros atores. Nessa primeira etapa, foram identificados os atores e os setores prioritários, por meio do cruzamento de informações dos potenciais tecnológicos (quantidade de cursos de graduação,

mestrado e doutorado) das principais formadoras de recursos humanos do Estado de Sergipe, a Universidade Federal de Sergipe (UFS), Instituto Federal de Sergipe (IFS) e Universidade Tiradentes (UNIT) com as vocações econômicas como quantidade de empresas de inovação e tecnologia e de empregos gerados.

O II *Workshop* foi em 15 de agosto de 2023 e teve como objetivo discutir o posicionamento futuro, plano de ação e sua estrutura de gestão e a priorização de estratégias para o curto prazo. Nesse *workshop*, foram validados os dados sobre atores e setores prioritários fornecidos pelos representantes do ecossistema de inovação no *workshop* I. Também foi validado o grau inicial de maturidade do ecossistema, elaborado o radar do ecossistema em relação as seis vertentes: ambientes de inovação, programas e ações, Instituições de Ciência, Tecnologia e Inovação, Políticas Públicas, Capital e Governança e realizada a análise de forças e fraquezas das vertentes.

No III *Workshop* em 06 setembro de 2023, aconteceu a validação do grau de maturidade do ecossistema e foram discutidas as estratégias macro do Ecossistema como 1. Promover ações para estimular o empreendedorismo inovador; 2. Promover a integração entre as instituições e empresas participantes do Ecossistema de Inovação; 3. Estimular a disponibilidade de fomento à inovação; 4. Dar visibilidade as ações do ELI; e 5. Apoiar instituições e gestores públicos na formulação, reformulação e implementação de leis e políticas públicas de incentivo à inovação.

E no IV *Workshop* em 16 de outubro de 2023, foram discutidos marcos críticos como 1. Fazer o Diagnóstico para levantar desafios e oportunidades para o ELI; 2. Realizar ações de mercado entre as empresas e as ICTI; 3. Levantar necessidades de fomento nos setores prioritários. E foi definido o comitê de governança, cujo presidente escolhido foi o Superintendente do Instituto Euvaldo Lodi (IEL/SE). Além dos *workshops* aconteceram reuniões *on-line* ou presenciais para discussão de cada vertente do ecossistema.

Nas reuniões do Ecossistema da Grande Aracaju não teve representantes da Barra dos Coqueiros, então, o ELI Grande Aracaju, compreende os municípios de Aracaju, São Cristóvão e Nossa Senhora do Socorro. Cada *workshop* teve a duração de 4 horas com a participação de 50 a 80 representantes do ecossistema local de inovação e teve como objetivo a união do ecossistema local de inovação em prol do desenvolvimento socioeconômico e tecnológico do estado de Sergipe.

As reuniões do ELI Alto Sertão ocorreram 1 dia antes ou um 1 depois das reuniões do ELI Grande Aracaju, seguindo a mesma metodologia. No entanto, a observação direta foi realizada apenas nas reuniões do ELI Grande Aracaju. O ELI Alto Sertão compreende os

municípios de Canindé de São Francisco, Monte Alegre, Nossa Senhora da Glória e Poço Redondo.

O lançamento oficial do ELI Grande Aracaju e Alto Sertão aconteceu em 30 de novembro de 2023, simbolizando a concretização dos esforços e a integração dos atores regionais no fortalecimento da inovação. No Quadro 4, observa-se os setores prioritários, grau de maturidade do Ecosistema e Plano de Intervenção dos Ecosistemas Locais de Inovação em Sergipe.

Quadro 4.

Ecosistemas Locais de Inovação em Sergipe

Categorias	Eli Alto Sertão	Eli Grande Aracaju
Setores Prioritários	Agricultura, Pecuária e Serviços Relacionados; Fabricação de Produtos Alimentícios; Turismo; Atividade de Atenção à Saúde Humana; e Fabricação de Móveis	Agroprodução e Produção de Alimentos; Energia; Educação; e Construção Civil
Grau de Maturidade do Ecosistema	Inicial	Em Estruturação
Plano de Intervenção	Fomentar a criação de ambientes de inovação no Alto Sertão; Desenvolver Políticas Públicas Municipais para o ecossistema do Alto Sertão; Disseminar as informações de ações, eventos e oportunidades da região com foco na inovação (crédito, capacitação, projetos, editais etc.); Desenvolvimento da oferta e qualidade dos produtos/ serviços na região.	Promover ações para estimular o empreendedorismo inovador e fomento à inovação; Integrar as instituições e empresas participantes do Ecosistema de Inovação; Dar visibilidade às ações do ELI; Apoiar instituições e gestores públicos na formulação, reformulação e implementação de leis e políticas públicas de incentivo à inovação.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em SEBRAE ELI (2024).

Considerações finais

O Programa ELI (Ecosistema Local de Inovação) é uma estratégia que promove o desenvolvimento regional sustentável e competitivo ao fomentar colaboração entre atores locais, capacitação de talentos, apoio a *startups* e PMEs, e incentivo à P&D. Com foco nas vocações econômicas e no potencial tecnológico local, evita esforços dispersos e garante intervenções eficazes. A governança eficiente, comunicação clara e monitoramento contínuo fortalecem economias locais, promovem sustentabilidade e inclusão social, e posicionam as regiões como líderes em inovação.

Os exemplos de implementação do ELI em Sergipe, tanto na Grande Aracaju quanto no Alto Sertão, ilustram a adaptabilidade da metodologia em diferentes contextos regionais. A

identificação de setores prioritários e a elaboração de planos específicos para cada região demonstram a capacidade do programa de atender às necessidades locais, promovendo um desenvolvimento econômico e social inclusivo e sustentável.

Em conclusão, o Programa ELI se destaca como uma iniciativa inovadora e eficaz para impulsionar o desenvolvimento regional por meio da inovação. Sua metodologia bem estruturada e a implementação cuidadosa em várias regiões do Brasil demonstram o potencial do programa para transformar municípios em polos de inovação. No entanto, para garantir o sucesso sustentável de um ecossistema de inovação, é necessário um compromisso de longo prazo, além da superação de barreiras estruturais e culturais. A inovação depende de um ambiente favorável, de políticas públicas robustas e de um ecossistema de suporte que incentive a criatividade e o empreendedorismo.

Para pesquisas futuras, recomenda-se a análise longitudinal dos impactos do ELI, a investigação de melhores práticas em diferentes contextos regionais e a exploração de novas formas de engajamento e colaboração entre os atores do ecossistema.

Referências

- Adner, R., & Kapoor, R. (2010). Value creation in innovation ecosystems: How the structure of technological interdependence affects firm performance in new technology generations. *Strategic management journal*, 31(3), 306-333. Doi: <https://doi.org/10.1002/smj.821>
- Audy, J., & Piqué, J. (2016). *Dos parques científicos e tecnológicos aos ecossistemas de inovação [Recurso eletrônico on-line]: Desenvolvimento social e econômico na sociedade do conhecimento*. Brasília, DF: ANPROTEC.
- Appio, F. P., Lima, M., & Paroutis, S. (2019). *Understanding Smart Cities: Innovation ecosystems, technological advancements, and societal challenges*. *Technological Forecasting and Social Change*, 142, 1-14. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2018.12.018>

- Baccarne, B., Mechant, P., & Schuurman, D. (2014). Empowered cities? An analysis of the structure and generated value of the smart city Ghent. *Smart city: How to create public and economic value with high technology in urban space*, 157-182.
- Brown, R. (2016). *Mission impossible? Entrepreneurial universities and peripheral regional innovation systems*. *Industry and Innovation*, 23(2), 189-205. Doi: <https://doi.org/10.1080/13662716.2016.1145575>
- Carayannis, E., & Campbell, D. (2009). 'Mode 3' and 'Quadruple Helix': Toward a 21st century fractal innovation ecosystem. *International Journal of Technology Management*, 46(3-4), 201-234. Doi: <https://doi.org/10.1504/IJTM.2009.023374>
- Carayannis, E., Campbell, D., & Rehman, S. (2016). Mode 3 knowledge production: Systems and systems theory, clusters and networks. *Journal of Innovation and Entrepreneurship*, 5-17. Doi: <https://doi.org/10.1186/s13731-016-0045-9>
- Dattée, B., Alexy, O., & Autio, E. (2018). *Maneuvering in poor visibility: How firms play the ecosystem game when uncertainty is high*. *Academy of Management Journal*, 61(2), 466-498. Doi: <https://doi.org/10.5465/amj.2015.0869>
- Gawer, A. (2014). *Bridging differing perspectives on technological platforms: Toward an integrative framework*. *Research Policy*, 43(7), 1239-1249. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.respol.2014.03.006>
- Gonçalves, L., Faccin, K., Garay, J., Zarpelon, F., & Balestrin, A. (2024). The development of Innovation and entrepreneurial ecosystems in cities: An institutional work approach. *Cities*, 146, 104747. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.cities.2023.104747>
- Guerrero, M., & Urbano, D. (2019). *The impact of Triple Helix agents on entrepreneurial innovations' performance: An inside look at enterprises located in an emerging economy*. *Technological Forecasting and Social Change*, 136, 13-29. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2016.06.015>

- Hakala, H., O'Shea, G., Farny, S., & Luoto, S. (2020). Re-storying the business, innovation and entrepreneurial ecosystem concepts: The model-narrative review method. *International Journal of Management Reviews*, 22(1), 10-32. Doi: <https://doi.org/10.1111/ijmr.12212>
- Jacobides, M. G., Cennamo, C., & Gawer, A. (2018). *Towards a theory of ecosystems*. *Strategic Management Journal*, 39(8), 2255-2276. Doi: <https://doi.org/10.1002/smj.2904>
- Jucevicius, G., Juceviciene, R., Gaidelys, V., & Kalman, A. (2016). The emerging innovation ecosystems and "valley of death": Towards the combination of entrepreneurial and institutional approaches. *Engineering Economics*, 27(4), 430-438. Doi: <https://doi.org/10.5755/j01.ee.27.4.14403>
- Ma, L., Liu, Z., Huang, X., & Li, T. (2019). The impact of local government policy on innovation ecosystem in knowledge resource scarce region: Case study of Changzhou, China. *Science, Technology and Society*, 24(1), 29-52. Doi: <https://doi.org/10.1177/0971721818806096>
- McAdam, M., Miller, K., & McAdam, R. (2016). Situated regional university incubation: A multi-level stakeholder perspective. *Technovation*, 50, 69-78. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.technovation.2015.09.002>
- Moore, J. F. (1993). Predators and prey: a new ecology of competition. *Harvard business review*, 71(3), 75-86.
- Napier, G., & Hansen, C. (2011). Ecosystems for young scalable firms. *FORA Group*, 190-208.
- Orlic, E., Radicic, D., & Balavac, M. (2019). R&D and innovation policy in the Western Balkans: Are there additionality effects? *Science and Public Policy*, 46(6), 876-894. Doi: <https://doi.org/10.1093/scipol/scz036>

- Pique, J. M., Berbegal-Mirabent, J., & Etzkowitz, H. (2018). Triple Helix and the evolution of ecosystems of innovation: the case of Silicon Valley. *Triple Helix*, 5(1), 1-21. Doi: <https://doi.org/10.1186/s40604-018-0060-x>
- Rabelo Neto, J., Figueiredo, C., Gabriel, B. C., & Valente, R. (2024). Factors for innovation ecosystem frameworks: Comprehensive organizational aspects for evolution. *Technological Forecasting and Social Change*, 203(C). Doi: <https://doi.org/10.1016/j.techfore.2024.123383>
- Roundy, P. T., Bradshaw, M., & Brockman, B. K. (2018). The emergence of entrepreneurial ecosystems: A complex adaptive systems approach. *Journal of Business Research*, 86, 1-10. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2018.01.032>
- SEBRAE ELI. (2024). Ecosistema Local de Inovação. Disponível em: <https://www.sebrae-eli.com.br/>. Acesso em: 14 de junho de 2024.
- Serrano-Ruiz, J. C., Ferreira, J., Jardim-Goncalves, R., & Ortiz, Á. (2024). Relational network of innovation ecosystems generated by digital innovation hubs: a conceptual framework for the interaction processes of DIHs from the perspective of collaboration within and between their relationship levels. *Journal of Intelligent Manufacturing*, 1-41. Doi: <https://doi.org/10.1007/s10845-024-02322-5>
- Stam, E. (2015). Entrepreneurial ecosystems and regional policy: A sympathetic critique. *European Planning Studies*, 23(9), 1759-1769. Doi: <https://doi.org/10.1080/09654313.2015.1061484>
- Ubresiova, I., Diacikova, A., Sokil, O., & Apostol, S. (2020). Innovation ecosystems for the moldovan small and medium-sized enterprises. *Marketing and Management of Innovations*, 2, 298-312. Doi: <http://doi.org/10.21272/mmi.2020.2-22>
- Yin, R. K. (2017). *Case study research and applications: Design and methods* (6ª ed.). Sage Publications.

Zheng, X., & Cai, Y. (2022). Transforming innovation systems into innovation ecosystems: the role of public policy. *Sustainability*, 14(12), 7520. Doi: <https://doi.org/10.3390/su14127520>